



Supervisão Técnica de Saúde

APS- Santa Marcelina

NASF-São Miguel

UBS Santa Inês

A POTÊNCIA DA INTERSETORIALIDADE: GRUPO OPERATIVO COMO
FERRAMENTA TERAPÊUTICA COM ADOLESCENTES
NO TERRITÓRIO DA ESF/UBS SANTA INÊS

Um Relato de Experiência

Autor: MARINA LÚCIA PEREIRA ALMEIDA TULHA

Co-autor: GABRIELA DOS SANTOS BUCCINI

**São Paulo
2010**

A POTÊNCIA DA INTERSETORIALIDADE: GRUPO OPERATIVO COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA COM ADOLESCENTES NO TERRITÓRIO DA ESF/UBS SANTA INÊS

Um Relato de Experiência

Autor: MARINA LÚCIA PEREIRA ALMEIDA TULHA

Co-autor: GABRIELA DOS SANTOS BUCCINI

Resumo

INTRODUÇÃO: Com base nas diretrizes da Atenção Básica e no primeiro ano de experiência do Núcleo de Apoio a Saúde da Família fez-se uma análise das principais demandas/sintomas relacionados aos adolescentes. Constatou-se que as queixas, das famílias e escolas, estão relacionadas à aprendizagem, fala, timidez e agressividade. Levando-se em conta a complexidade da dinâmica territorial (cultura, drogas/tráfico, falta de perspectivas, violência) algumas estratégias terapêuticas foram desenvolvidas. Houve dificuldade em estabelecer vínculos processuais junto aos adolescentes. Planejar grupos terapêuticos para adolescente é complexo, pois requer uma técnica a ser apreendida por meio da qual possa se dar o “lugar” terapêutico (escuta/apontamentos). Ou seja, um grupo operativo que tenha objetivo concreto, que transite entre o lúdico e a palavra. Para tanto, buscou-se parceria com um coletivo de artistas de um ateliê de pintura artesanal em azulejos, denominado AZU. O projeto que desenvolvem, visa contribuir com o desenvolvimento sociocultural, utilizando a arte como meio de reflexão sobre o espaço público urbano e como transporte para novas perspectivas de inclusão social para os jovens. Com a parceria, potencializaram-se os desejos e objetivos propostos pelas duas instituições (UBS/ESF e AZU), na criação de um espaço de interação entre os adolescentes no qual possam ser trabalhadas as questões terapêuticas, educacionais e de cidadania que estiverem dificultando a tarefa comum: produção e o aprendizado da técnica de pintura em azulejos.

OBJETIVO: Construir ambiente “seguro” e continente de laços sociais, vínculos para trabalhar as questões individuais ligadas às queixas manifestas a partir da escuta qualificada dentro da dinâmica grupal.

METODOLOGIA: Relato de experiência do grupo operativo-terapêutico de adolescentes. Por meio do aprendizado da técnica de pintura de azulejos, traz-se discussão/reflexão sobre a queixa manifesta, buscando as potencialidades de cada adolescente. Trata-se de um grupo fechado e semanal, coordenado pela psicóloga e fonoaudióloga da unidade em conjunto com 2 técnicos do projeto AZU, conta ainda com participação da educadora física e 2 agentes comunitárias de saúde (ACS).

RESULTADOS: Foram convidados a participar da atividade em grupo, 14 adolescentes de famílias que já estavam em acompanhamento pela equipe transdisciplinar pertencentes às 3 UBSs das quais o NASF é referência. Para compor o grupo, levou-se em conta o momento do projeto terapêutico das famílias e o perfil dos sujeitos envolvidos. Nesse período de vivência, podemos dividir os resultados, de forma didática, em dois eixos: **I) Produção de azulejos:** preparação dos azulejos; escolha coletiva do tema; planejamento (desenho, traçado e cores); execução dos traçados e

pintura/cores; reflexão coletiva sobre a produção grupal. **II) Projetos terapêuticos:** preocupou-se, inicialmente, com a vinculação dos jovens a proposta a fim de garantir um espaço terapêutico e na construção de uma relação de segurança/confiança, base para trabalhar as questões terapêuticas de cada sujeito. Isso só foi possível devido a uma linguagem comum entre técnicos e adolescentes, além disso a atividade proposta é algo contemporâneo que propicia aos jovens se expressarem por meio do grafite/desenho, o que notadamente despertou o interesse dos envolvidos. Esse espaço se constituiu como um lugar promotor de novas relações, de convívio com as diversidades, propiciando, de forma coletiva, a elaboração de alguns limites/obstáculo, ao mesmo tempo em que permite aos sujeitos a vivência concreta de potencialidades, a oportunidade de maior conhecimento e apropriação de si mesmo, de sua condição e da realidade. Percebeu-se uma responsabilização dos envolvidos para com sua produção, escolhas, material e espaço. Nesse ambiente continente, houve produção de saberes em relação à técnica ensinada, mesmo que em ritmos e proporções diferentes. Um dos desdobramentos foi, dentro de cada etapa citada no eixo anterior, um aumento na produção de autonomia e na capacidade de elaborar e lidar com os conflitos/dificuldade. Ademais, no grupo há espaço para o compartilhamento de conhecimentos entre todos os integrantes e, é nesse compartilhar que descoberta de potencialidades tem sido feitas.

CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÃO: Criar um espaço para adolescentes que seja funcional e terapêutico tem sido um desafio para a equipe da unidade. Esse é um projeto experimental e, como tal, está sendo constantemente analisado pelos profissionais a fim de que sempre possa se pensar novas estratégias de ação no sentido de se manter esse espaço potente. Esse é um primeiro momento de análise do que foi produzido e de como os processos se deram tanto na organização do grupo quanto na evolução terapêutica dos adolescentes e sua repercussão nas famílias. A partir da realização desse grupo de adolescentes em parceria com o projeto AZU pode-se produzir um dispositivo intersetorial e multidisciplinar no qual podem ser trabalhadas questões de extrema importância, como: escolhas, perspectivas, metas, desejos, potencialidades, coletividade. Além disso, esse dispositivo potencializou as intervenções terapêuticas, que possibilitaram a ressignificação dos sintomas manifestos, propiciaram a reflexão para a produção de autonomia, fator determinante na construção de um cidadão atuante capaz de planejar e projetar-se na vida.